

Repensando os fundamentos do aconselhamento pastoral: por uma área de saber autônoma

Rethinking the foundations of pastoral counseling: toward an autonomous field of knowledge

Eduardo Sales de Lima¹

 <https://orcid.org/0009-0003-7940-7195>

Resumo: O aconselhamento pastoral enfrenta um dilema epistêmico, oscilando entre metodologias “bíblicas” dogmáticas e propostas integracionistas que incorporam acriticamente as ciências psicológicas. Esta pesquisa propõe uma fundamentação teórica para o aconselhamento pastoral a partir de uma leitura bíblica direcionada pela prática de aconselhamento e cuidado pastoral, buscando elementos que sustentem sua identidade e metodologias como área de saber autônoma. Através de análise teórica e documental, com abordagem qualitativa e hermenêutica, investigaram-se fundamentos epistêmicos e tradições bíblicas de cuidado no Antigo e Novo Testamentos. Os resultados evidenciam que o aconselhamento pastoral possui objeto de estudo definido e metodologias distintas, atendendo a critérios para constituição de campo disciplinar autônomo. Identificaram-se características distintas que o diferenciam das abordagens psicológicas, e, a partir disso, se propõe uma postura dialética que mantenha a tensão entre tradição bíblica e contribuições das ciências contemporâneas, superando tanto o fundamentalismo dogmático quanto o integracionismo acrítico. Conclui-se que o aconselhamento pastoral, fundamentado na tradição bíblica e aberto ao diálogo crítico, possui potencial para constituir-se como campo disciplinar autônomo, oferecendo contribuição singular ao cuidado integral do ser humano na contemporaneidade.

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral. Epistemologia. Metodologia Bíblica. Autonomia Disciplinar. Cuidado Integral.

Abstract: Pastoral counseling faces an epistemic dilemma, oscillating between dogmatic “biblical” methodologies and integrationist proposals that uncritically incorporate psychological sciences. This research proposes a theoretical foundation for pastoral counseling based on a biblical reading directed by the practice of counseling and pastoral care, seeking elements that support its identity and methodologies as an autonomous field of knowledge. Through theoretical and documentary analysis, with a qualitative and hermeneutic approach, epistemic foundations and biblical traditions of care in the Old and New Testaments were investigated. The results show that pastoral counseling has a defined object of study and distinctive methodologies, meeting the

¹ Doutor em Teologia pela Faculdades EST, professor e escritor da Unicesumar e na UniCV, Brasil - E-mail: pf.eduardo.sales@hotmail.com

criteria for constituting na autonomous disciplinary field. Distinctive characteristics that differentiate it from psychological approaches were identified and, based on this, a dialectical stance is proposed that maintains the tension between biblical tradition and contributions from contemporary sciences, overcoming both dogmatic fundamentalism and uncritical integrationism. It is concluded that pastoral counseling, grounded in biblical tradition and open to critical dialogue, has the potential to constitute itself as na autonomous disciplinary field, offering a unique contribution to the integral care of human beings in contemporary times.

Keywords: Pastoral Counseling. Epistemology. Biblical Methodology. Disciplinary Autonomy. Integral Care.

Introdução

Desde o início do cristianismo as comunidades desenvolveram diversas práticas relacionadas ao cuidado e atenção dos fiéis. As cartas paulinas, como se evidencia na escrita à comunidade de Coríntios, apresenta o tratamento de diversos problemas relacionados ao contexto social, familiar, político, religioso, e inclusive, interações relacionadas à percepção da interioridade e espiritualidade. Não apenas Paulo, mas em diversas passagens, principalmente do Novo Testamento (NT). É uma interação diferente em relação aos textos do Antigo Testamento (AT). Embora ambos possuam uma dimensão dialógica, percebe-se que no Pentateuco e nos Profetas, por exemplo, embora também haja uma escrita voltada para o cuidado, predomina uma dimensão mais relacionada com aparatos legais, narrativas sobre eventos diversos e denúncias estruturais. Ambos os testamentos possuem diversas intertextualidades, com direcionamentos relacionados à vida privada e às comunidades de fé.

Entender que no texto bíblico podem ser identificadas várias abordagens relacionadas ao cuidado, não significa que o texto deva ser tomado como grandeza absoluta sem a necessidade de dialogar com outros contextos e epistemes, como a psicologia e ciências críticas, por exemplo. A ênfase bíblica no cuidado indica uma centralidade prática a ser lida e vivenciada a partir do texto, cujo registro aponta para formas de solidificação da experiência comunitária. Dentre seus objetivos, as orientações para o cuidado do ser, devido à dimensão antropológica, possibilitam o estudo e aplicação na contemporaneidade.

A utilização do termo “bíblico” parece assumir um sentido popular místico. Entretanto, seu uso relaciona-se com as experiências registradas na Bíblia. Necessitando atentar para os diferentes contextos e épocas em que foi escrita, inclusive com a possibilidade de que alguns textos registrem práticas que podem ser consideradas como formas de violência, estruturas de dominação e práticas descontinuadas em razão das diferenças histórico-culturais.

Dito isso, para fins de delimitação, sobre o conceito de *aconselhamento pastoral*

serão abordadas as interações relacionadas ao cuidado, tanto comunitário quanto privado, considerando elementos sociais, culturais, e de interioridade e espiritualidade. Estes últimos, apresentados como dimensões do ser que se relaciona consigo mesmo e, por meio de sua limitação, com a transcendência.

Na prática comunitária, o *aconselhamento pastoral* não está limitado ao conceito acadêmico de “conselho”, e pode ser observado em várias formas de cuidado, identificação, orientação a acolhimento. Esses saberes não foram institucionalizados, todavia, podem ser identificados na literatura bíblica, principalmente no NT, assim como na prática comunitária de igrejas cristãs em geral. O uso do conceito também indica a atividade de cuidado praticada por ministros e ministras, mas não limitada ao ministério ordenado, entendendo que o termo “pastoral” descreve a função de cuidado e pode ser exercida por todos.

No desenvolvimento da história da igreja, a função pastoral fluiu em diferentes áreas, oscilando entre as dimensões comunitárias, pela atuação e cuidado “uns dos outros” e o cuidado empreendido pelas lideranças, em especial, pelo ministério pastoral. Todavia, a prática, como objeto de estudo, foi negligenciada em razão da teoria, o que contribuiu para o parco desenvolvimento de literaturas voltadas para o treinamento e preparo em diversas áreas. Na teologia não foi diferente, ainda que, nos últimos anos tenha surgido maior atenção sobre a dimensão prática da fé.

Na atualidade, o aconselhamento pastoral parece ocupar um lugar “paradoxal” no campo das teologias práticas. Por um lado, tem sido tradicionalmente vinculado à formação e atuação de lideranças religiosas, mantendo uma estreita conexão com os referenciais e práticas da fé. Por outro, nas últimas décadas, vem sendo influenciado por teorias e métodos provenientes das ciências psicológicas, em uma busca por maior eficácia e fundamentação científica. Essa situação ambivalente tem gerado uma espécie de “conflito de identidade”. Diante disso, surgem questionamentos: O aconselhamento pastoral deve se orientar pelas tradições bíblicas ou psicológicas? Será que podemos assumir a proposta psicológica sem a necessidade de análise crítica? E quais os limites para a utilização das ciências psicológicas no aconselhamento pastoral? Como saberemos quando um aconselhamento deixou de ser pastoral e tornou-se psicológico? Essas questões revelam um desafio epistêmico importante para a consolidação dessa área de saber marcada pela indefinição de seus limites e fundamentos teóricos.

Diante deste cenário, o presente artigo investigará o conceito de aconselhamento pastoral, explorando suas raízes históricas, sua relação com a Bíblia e a psicologia, objetivando uma formação identitária autônoma para essa prática. Parte-se da hipótese de que seja necessário enfatizar a dimensão do cuidado na leitura do texto bíblico, destacando a experiência e as práticas das comunidades judaico-cristãs como caracterizações identitárias, enfatizando a necessidade de destaque e preservação destes saberes para a construção de uma proposta autônoma de aconselhamento

pastoral que seja coerente com a tradição de fé, sem, no entanto, desconsiderar os aportes de outras áreas do conhecimento.

Para tanto, será realizada pesquisa bibliográfica e documental. A seleção de fontes será baseada em pesquisa no portal de periódicos da Capes. Serão levantadas informações relacionadas à história e desenvolvimento do Aconselhamento Pastoral no Brasil. Para pesquisa documental, serão selecionadas passagens do Antigo e Novo Testamentos com destaque de leitura e orientação para o aconselhamento pastoral.

A análise de dados será qualitativa. A interpretação considerará a tradição histórico crítica, com ênfase na interpretação literária para estabelecer intertextualidades. Os dados serão levantados a partir de processos dedutivos. O trabalho inicia com uma reflexão sobre a condição epistêmica do aconselhamento pastoral. Busca-se situar essa área de saber no contexto da produção acadêmica contemporânea e problematizar seu “conflito de identidade” frente à crescente influência das ciências psicológicas. Em seguida, realizar-se-á uma análise documental nos textos bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos. Espera-se identificar elementos que fundamentem uma metodologia bíblica para o aconselhamento pastoral, assim como, identificar os desafios e perspectivas de consolidação autônoma desta área de saber.

Aconselhamento pastoral: uma proposta autônoma

O que qualifica uma área de saber como científica? A teologia, como a filosofia, a seu tempo, também precisou validar seu lugar no “pódio” científico. No caso da filosofia, Kant consolidou o reconhecimento e autonomia da filosofia entre as ciências empíricas. No Brasil, a teologia também teve seu reconhecimento em março de 1999, todavia, por questões políticas e sociais, e no interesse de regulamentação das instituições de ensino. Em contrapartida, os cursos de teologia tiveram que se adaptar para atender às exigências do percurso acadêmico nacional, com a produção de artigos, criação de revistas, cursos de pós-graduação etc. Assim, esta área de saber foi disciplinada pelo contexto acadêmico nacional.

Sob a tutela da teologia, o perfil interdisciplinar passou a influenciar o ensino e prática do aconselhamento pastoral. Até então, era desenvolvido pela tradição de cuidado pastoral² e por alguns manuais traduzidos para o português. Considerando as publicações, um primeiro momento pode ser identificado entre as décadas de 1980 a 2000. No contexto evangélico brasileiro circulavam obras consideradas de autores fundamentalistas, como Jay E. Adams (1994); Gary R. Collins (2005), e outros. Estes trabalhos diziam-se de perspectiva bíblica, todavia, não desenvolveram pesquisas na área de bíblia para fundamentar suas teorias. Seus escritos eram um misto de teologia

² No Brasil a tradição de cuidado pastoral pode ser identificada a partir de saberes populares desenvolvidos por ministros religiosos dentre as diversas denominações cristãs. São diversos saberes relacionados às relações comunitárias, sociais, conjugais, profissionais, pessoais e espirituais. Embora não haja uma sistematização escrita, pode-se identificar práticas de oralidade nas instituições de ensino de caráter confessional na preparação para o ministério pastoral e no reconhecimento de lideranças com maior experiência ministerial.

evangélica, saberes pastorais e dogmáticos, no caso evangélico, conduzidos a partir de interpretações da confissão de Westminster.

Paralelamente, surgiram pesquisadores e escritores dialogando com a psicologia (regulamentada no Brasil em 1962) e com a psicanálise (regulamentada em 2002). Dentre as propostas, destaca-se a obra “Aconselhamento Pastoral” (1987), produzida por Howard J. Clinebell, ainda em uso nas universidades. Também há outros autores que apoiavam essa integração, desde que as ciências psicológicas fossem validadas pela teologia, neste caso temos Roger F. Hurding (1995); Larry Crabb (1985), e outros. No contexto de produção brasileira, há poucos trabalhos, dos quais destacamos obras de Lothar C. Hoch (1989) e Christoph Schneider-Harpprecht (2016), com maior diálogo com as perspectivas europeias e maior aceitação da proposta integracionista; e no diálogo norte-americano, inclua-se as obras de Eleny Vassão (2007) voltadas para o cuidado pastoral e capelania. Há outros pesquisadores que influenciaram a academia após a virada do milênio, como as obras de Jorge E. Maldonado (2005), Ronaldo Satler-Rosa (2004) e outros.

Considerando a busca por “aconselhamento pastoral” no período de 01/2000 a 12/2023, foram encontrados apenas 27 artigos disponíveis no portal de periódicos da Capes (deve-se ressaltar que as revistas mais antigas não estão digitalizadas). Os artigos retratam questões contemporâneas como problemas de gênero; cuidado e luto no contexto da pandemia; reflexões sobre a família segundo a exortação *Amoris Laetitia*; propostas relacionadas ao contexto pentecostal; a questão da injustiça no contexto latino-americano; o capelão na perspectiva integrativa; artigos gerais sobre aconselhamento, cuidado e saúde mental; e artigos com aproximações aos paradigmas psicológicos. Destes trabalhos destaco a “Psicologia e Religião: Um encontro inevitável”; e “Dr. Donald E. Capps: Uma breve introdução à sua teologia pastoral (parte 1 e 2)”, que dialogam sobre o fundamento do aconselhamento pastoral e sua relação com as ciências psicológicas.

Como apontado nos dois artigos acima, o diálogo entre aconselhamento pastoral e psicologia parece ser inevitável. Mas como se estabelece esta relação? Será que o aconselhamento pastoral precisa de outro campo para validar seus saberes? Seria possível uma avaliação epistêmica do aconselhamento pastoral enquanto saber? Como esse levantamento pode contribuir com a disciplina?

A questão epistêmica

Para identificação e fundamentação de uma área do saber precisamos dialogar com as propostas epistemológicas. Neste caso, seguindo as epistemologias do sul (Santos, 2009 p.43), abre-se a possibilidade de considerar o aconselhamento pastoral integrando-a na “ecologia dos saberes” de Boaventura S. Santos. Dessa forma, pode-se reconhecer a pluralidade de saberes sem a necessidade de um “meta-conhecimento” ou de uma estrutura de controle (Santos, 2010, p.155).

Segundo a fenomenologia de Husserl (2006), toda forma de saber pode e deve ser estudada, inclusive as dissidentes, pois, “a fenomenologia busca compreender todos os tipos de experiência, não apenas aquelas validadas pela ciência” (Sokolowski, 2004, p.17). Tanto porque, como afirma Merleau-Ponty (1999, p.18), “o mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas sobre as outras”. Essa interação de saberes também dialoga com o método correlacional de Paul Tillich (2004, p.74-79), de onde consideramos que os saberes que surgem na dinâmica das relações, ainda que não sejam totalmente objetivos e mensuráveis.

E o que torna um saber é válido? Segundo Aristóteles, pela *apódeixis* (demonstração lógica) e por *archai* (princípios), conceitos fundamentais para reflexão (Analíticos Posteriores. Livro I, cap. 2, 71b 16-18.; e cap. 3, 72b 18-20). Posteriormente Kant reconheceu que além da lógica, necessita-se de validação empírica, pois, “sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, e intuições sem conceitos são cegas” (Kant, 2001, p.93). Disso resulta que o aconselhamento pastoral pode ser elaborado como proposta lógico-empírica, pois trata-se de um saber que se efetiva a partir de deduções e avaliações das experiências. Inclusive, algumas de suas considerações, devido ao elemento antropológico e ressalvadas as variáveis socioculturais, também podem ser consideradas como princípios.

Outra forma em que se estabelece o aconselhamento pastoral enquanto saber é a proposta hipotético-dedutiva de K. Popper (1982, p.59). Pois, quando a observação não fornece parâmetros suficientes para uma dedução, abre-se espaço para propostas hipotéticas (conjecturas), em razão da eliminação de possibilidades erradas.

Diante dos apontamentos acima, o aconselhamento pode ser reconhecido como saber, tanto pela diversidade quanto pela possibilidade de elaboração lógico-empírica.

Recorrendo à proposta de Thomas Kuhn sobre a validação de uma área de saber para se tornar um conhecimento científico autônomo, entende-se que ainda há elementos sociais a serem considerados. Assim, para Kuhn, uma área de saber autônoma precisa de (1) teorias e modelos identificados pelos “paradigmas compartilhados entre os membros de uma determinada comunidade” (Kuhn, 1962, p. 221); de (2) métodos e práticas propostos como “saberes organizados de forma a significar o mundo” (Kuhn, 1962, p.44); e de (3) comunidades para discussão e análise dos paradigmas, estudo dos problemas e proposição de soluções, caracterizando o desenvolvimento científico (Kuhn, 1962, p.60). Sua proposta vai além das perspectivas anteriores, ela compreende a comunicação entre os pares como forma de validação do saber, promovendo diálogo, discussão, validação, atualização e acumulação de saberes, o que favorece o progresso científico (Popper, 1982, p.215; Bourdieu, 2004, p.20).

Destacam-se ainda as considerações de Japiassu (1976, p.16) sobre a relevância de se identificar o objeto de estudo. Neste caso, o aconselhamento pastoral possui uma posição privilegiada em relação à teologia, pois, seu objeto não é Deus, mas as relações pessoais e interpessoais, comunitárias e familiares em geral. Logo, o aconselhamento pastoral observa elementos relacionados a diversos aspectos da vida: sociedade, cultura, religião, interioridade e espiritualidade, e faz uso de experiências tradicionais e orientações de literaturas como a Bíblia e as Teologias. O foco principal são as relações, partindo da pessoa como objeto, observando elementos relevantes na formação do ser³.

Quanto à metodologia, na tradição pastoral em geral, conselheiros e conselheiras, mesmo sem instrumentos específicos (revistas especializadas), comunicaram seus resultados por meio de tradição e ensino. O que pode ser identificado desde o judaísmo bíblico, pois, “o aconselhamento pastoral emprega métodos de escuta, reflexão e orientação baseados em tradições religiosas e práticas de acompanhamento espiritual” (Clinebell, 1987, p.25).

Dessa perspectiva, o cuidado pastoral não se limita aos modelos clínico e/ou de gabinete, isso porque, permeia as relações interpessoais e possibilita a criação de um ambiente voltado para relações de cura, numa espécie de comunidade terapêutica (ainda que tímida). Nos cultos, nas palestras, nas celebrações, nas músicas, nas orações, na arte sacra, nas conversas e nos corredores, nas brincadeiras e nas atividades, tudo pode assumir caráter de escuta e tratamento, principalmente nas relações informais. São práticas e estruturas identificadas com o perdão, misericórdia, compaixão, autoconhecimento, valorização do outro etc.

Também deve-se contar com as metodologias oriundas do diálogo interdisciplinar com as ciências psicológicas. Este diálogo possibilitou maior assertividade, como por exemplo, a utilização da “Escuta Ativa” de Carl Rogers (1997); a reflexão e acompanhamento pastoral utilizando metodologias da psicanálise que auxiliam na leitura do ser, como a teoria do “o inconsciente” de Freud (2006/1915); a linguagem e o “discurso do outro” da psicanálise de Lacan (2008); as relações de transferência e contratransferência de Melanie Klein (Assis, 1994). Além de diversas ferramentas de diferentes ciências psicológicas, como a observação das teorias comportamentais (Vitale, 2005); as abordagens “dramáticas” de Moreno (2014); a busca pelo insight da Gestalt (Ribeiro, 1985); e abordagens mais pedagógicas como na psicanálise de Rubem Alves (1998). E ainda é possível correlacionar com a clínica filosófica (Ribeiro, 2016); e com a filosofia da mente (Bartoszeck; Bartoszeck, 2007).

³ O aconselhamento pastoral observa relações além do paradigma dualista cartesiano entre corpo e alma (Descartes, 2005). Destaco que a teoria de Descartes atuou como fundamento de diversas ciências, como a psicologia e a medicina, por exemplo. Na atuação pastoral, de forma diferente, observa-se a fé e a espiritualidade, como se manifestam e se relacionam com os diversos aspectos da vida. Não são meros acidentes, mas fundamentos que influenciam a compreensão do ser e suas relações. Segundo Polanyi (2014), a negação da fé como fenômeno deve ser considerada como problemática, pois, inclusive, “falar da ciência e do seu progresso contínuo é professar uma fé nos seus princípios fundamentais, e na integridade dos cientistas que aplicam e aperfeiçoam esse sistema” (POLANYI, 2014, p.21). Assim, constata-se a superficialidade de se reduzir a observação da realidade ao dualismo cartesiano.

O diálogo com a psicologia, embora relevante, precisa ser mediado de forma dialética. Todavia, seguindo um padrão de cuidado mais próximo da dialética utilizada na teologia de Lutero (Lima, 2024), que considera a importância de se manter a tensão entre as grandezas. Isso porque, uma metodologia centrada apenas no conhecimento bíblico pode resultar numa prática fundamentalista e ter dificuldade em lidar com problemas atuais, relacionados a outras formas de pensamento além da episteme cristã; e, uma metodologia centrada apenas no conhecimento psicológico, pode resultar na perda da identidade do aconselhamento pastoral, reduzindo a prática à técnica psicológica. Isso também se aplica às outras ciências, como a sociologia e a filosofia. A proposta de Lutero é relevante devido ao contexto em que escreveu. Uma das propostas da escolástica foi integrar filosofia e a fé cristã, para Lutero essa integração era problemática, pois o saber da fé, principalmente a prática, estava sendo preterida em razão da filosofia (Lutero, 1989).

Por fim, além da postura dialética, deve-se enfatizar a necessidade de um corpo teórico fundamental a ser compartilhado em uma comunidade de pesquisa (Kuhn 1997, p.60). O aconselhamento pastoral tem potencial para a formação de uma área de saber autônoma, mas carece de validação social. Assim, impõe-se o desafio de formar bancos de dados escritos e orais para acumulação de saberes. É preciso ir além das delimitações impostas pelos currículos de teologia, e propor formas de diálogo contínuo: por meio da formação de grupos de pesquisa, elaboração de revistas acadêmicas e publicação de abordagens, tratamentos e cuidados pastorais. Há uma grande quantidade de saberes e experiências que podem ser desenvolvidas e utilizadas na prática de aconselhamento pastoral. Pode-se, inclusive, apresentar dossiês temáticos voltados para áreas de tratamento pastoral específico, como “ansiedade”, “depressão”, “casamento”, “criação de filhos”, “trabalho”, etc., provocando a publicação e acumulação destes saberes, pois, “[...] em cada nova descoberta se constrói sobre o conhecimento anterior” (Popper, 1982, p.215).

Assim, embora o aconselhamento pastoral seja válido pelas perspectivas fenomenológica, lógico-empírica e hipotético-dedutiva, é na perspectiva social que se promove o acúmulo de saberes e a comunicação que permite diálogo e desenvolvimento entre diferentes perspectivas, elemento essencial para a constituição de um saber autônomo.

Aconselhamento pastoral: identidade e metodologias bíblicas

Além da falta de comunicação e acumulação de saberes, identificamos mais dois obstáculos para a formulação de uma proposta metodológica autônoma. O primeiro, diz respeito ao método de aconselhamento bíblico que surgiu na década de 80, divulgado por uma linha considerada fundamentalista. Estes trabalhos, embora coerentes com sua época e contexto, não são considerados científicos, isso porque misturaram elementos de teologia dogmática, moral cristã e evangelização, com aconselhamento pastoral. A

partir da década de 90, o pedagogo Tomáz Tadeu da Silva já identificava uma mudança no paradigma social brasileiro para uma proposta pós-crítica que considera valores decoloniais, identitários, etno-racialidades e de gênero que viriam a impactar a cultura brasileira (Silva, 1999, p.85). Com isso, os modelos de “aconselhamento bíblico”, de Jay Adams (1999), por exemplo, que utilizavam trechos da Bíblia para fundamentar valores da moral cristã, foram classificados como fundamentalismo cristão.

Paralelamente, surgiu o segundo obstáculo: a utilização das ciências psicológicas como fundamento para o aconselhamento pastoral. Embora tenham contribuído para o desenvolvimento da prática pastoral, as metodologias foram adotadas com pouca, ou nenhuma análise crítica, sem considerar os possíveis impactos dessa mudança (Ramos, 1996, p.46). Por outro lado, as ciências psicológicas tinham livros e revistas especializadas, e todos os benefícios de um campo do saber estabelecido e autônomo, inclusive com teorias sobre diversas formas de aconselhamento psicológico (Scheeffer, 1991, p.13-17). Logo, a integração superou as limitações do fundamentalismo e propiciou novas abordagens, mas também, distanciou o aconselhamento pastoral de seu fundamento e tradição.

Para responder aos obstáculos acima e aos parâmetros de uma abordagem autônoma, propõe-se que o texto bíblico seja lido a partir de uma perspectiva que valorize a prática da fé a partir do cuidado pastoral. Diante disso a seguir serão apresentadas propostas de leitura que evidenciam possibilidades metodológicas e práticas de aconselhamento pastoral a partir das experiências e saberes bíblicos.

A título de hermenêutica, as análises seguirão a teologia bíblica histórico-crítica, considerando o contexto do autor/redator. Devido à quantidade de textos, consideraremos uma abordagem indutiva, por meio de uma seleção direcionada de trechos que indicam a relação de cuidado pastoral.

Fundamentos bíblicos no Antigo Testamento

Qual a importância de se usar a Bíblia para uma leitura prática, centrada no cuidado pastoral? Está no fato de que, para os cristãos e, mesmo para outras religiões e até para a sociedade leiga, a Bíblia exerce um papel epistêmico fundante (Dube, 2000, p.18). Ela fez parte, direta e indiretamente, da formação cultural, linguística e imaginativa de diversos povos. Seu impacto vai muito além de seu contexto e época. Ela marcou profundamente as culturas em tudo: religião, política, relações sociais, filosofia, economia, medicina etc. E, também pode ser identificada em discursos políticos justificando formas de violência, guerras, intolerâncias, formas de segregação, essencialismos, exclusão, misoginia, racismos etc., ela pode “autorizar e a ativar interpretações que validam a dominação, subjugação e conquista” (Dube, 2000, p.18). Assim, sua relevância fundamenta-se em seu papel epistêmico, que influencia toda a sociedade, positiva ou negativamente. Num segundo momento,

porque apresenta literaturas de resistência (contra-hegemônicas), que confrontam as ideologias legitimatórias, podendo ser usada para o cuidado. Há casos em que apenas a autoridade bíblica é aceita, principalmente no confronto com passagens usadas para legitimar práticas violentas.

Na narrativa bíblica do AT, o ofício profético é identificado com o aconselhamento, seja a serviço das monarquias, às vezes legitimando formas de violência ou atuando entre o povo. Relaciona-se com o cuidado da comunidade, de estrangeiros e desconhecidos (Vaux, 2003, p.74 e 302). Pode ser acompanhado de diálogos, confrontos, metáforas e parábolas. Ou, simplesmente age diretamente no cuidado do outro (1 Reis 17:8-18:46, p.ex.).

Um bom exemplo sobre a prática do aconselhamento pastoral nas comunidades judaicas pode ser identificado na atuação de Jetro, sogro de Moisés (Êxodo 18,14-24). Nesta passagem é usado o texto hebraico יָאָטְס (yaáts) para designar o conselho/aconselhamento. O contexto da passagem é comunitário, e Moisés atua como líder que julga/orienta o povo. Essa narrativa apresenta um modelo de aconselhamento. Primeiro: observação, arguição e escuta (18,14); Na sequência: confrontação, reflexão e apresentação das consequências, usa-se uma metáfora sobre o carregamento de cargas (18,17-18) e, por fim, uma orientação diretiva sobre o caminho a seguir (18,19-23). É um aconselhamento pastoral por ser voltado para o cuidado do povo e direcionado pela episteme sagrada.

Outra passagem relevante que apresenta um modelo de aconselhamento pastoral é a orientação do profeta Natã ao rei Davi (1Samuel 12, 1-14). Um aconselhamento pastoral, familiar e comunitário, realizado em razão da violência praticada por Davi contra a família de Urias e Bate-Seba. Nesta abordagem, destaca-se a didática de Natã no uso de um aconselhamento não-diretivo (Clinebell, 1987, p.97). Ele aborda o rei com uma parábola resultando numa mudança imediata em seu ouvinte. A narrativa apresenta o resultado: Davi compreendeu seu erro, apresentou-se contrito e pediu perdão por seu pecado. Esse aconselhamento tem uma proposta diferente, uma abordagem indireta, que produz um insight no ouvinte pela identificação com o personagem condenável, o que auxilia no processo de mudança (Abel, 2003, p.24; Capps, 2003, p.31). Essa forma indireta demonstra também o cuidado para lidar com temas delicados. A metodologia teve: observação e descrição do erro, identificação do interdito por se tratar de uma “prática oculta”, didática no uso da metáfora e o papel pedagógico do sofrimento com a morte da criança. Também deve-se destacar a preservação da narrativa indicando os resultados obtidos, servindo como modelo de aconselhamento.

Há passagens que não foram identificadas diretamente como uma prática de aconselhamento. Este é o caso da narrativa dos irmãos Jacó e Esaú. A disputa entre os irmãos inicia por causa dos bens da família (a bênção de Isaque). Ela é dramatizada com a trapaça de Jacó, e culmina no ódio de Esaú (Gênesis 27,41). A passagem descreve a separação e o medo de Jacó, que foge e reluta em voltar, até que, diante de

seu irmão, encontra perdão e acolhimento, superando a desavença (Gênesis 32-33). Daí perguntamos: Por que foi preservada essa narrativa? Como ela se relaciona com a história de Israel? Ao relacionar Jacó ao outro lado do Eufrates (Gênesis 31,21) o retorno para a terra de seu pai Isaque, e o conflito com seu irmão Esaú, pode-se propor uma aproximação semântica com o retorno do exílio babilônico. Pois os judeus também foram levados para além do Eufrates, também houve atrito entre as comunidades dos que foram e dos que ficaram (Gass, 2010, p. 85). Assim, essa passagem apresenta uma dimensão de cuidado pastoral direcionada à unidade da comunidade, à preservação dos laços familiares e à necessidade de resolução de conflitos. Trata do medo, do sofrimento emocional, e da falta de perdão pessoal que resulta em pré-julgamentos. Todavia, no reencontro dos irmãos, a narrativa surpreende com a recepção de braços abertos (Gênesis 33,4), como se “tivesse contemplado o semblante de Deus” (Gênesis 33,10). A narrativa não está diretamente relacionada a um aconselhamento, mas, no objetivo de se preservar essa “história” encontra-se a intenção de conselho.

Recentemente, foi desenvolvida uma proposta de leitura bíblica chamada “bibliodrama”, desenvolvida a partir da teoria psicanalítica de Moreno (2014) o “psicodrama” (Roese, 2006). Ela propõe a dramatização das passagens bíblicas, o que possibilita a vivência e compreensão de sentimentos e situações de cuidado.

Além dos modelos acima, no Antigo Testamento ainda há situações em que o conselho pode se manifestar como cuidado pelo outro, como no caso de Naamã (2Reis 5,1-15). A passagem é contextualizada no sofrimento e diáspora do povo hebreu, quando Naamã, (comandante do exército da Síria) foi aconselhado por uma menina (escrava israelita) a procurar o conselho do profeta, e diante deste, foi orientado a banhar-se sete vezes no Jordão, para ser curado de sua enfermidade. Assim, o aconselhamento e o cuidado pastoral vão além dos parâmetros étnicos e sociais, pregando o cuidado a todos que necessitam, sem distinção.

O cuidado pastoral não se relaciona apenas com conselhos sobre ética e moral, mas com práticas saudáveis. Esse também foi o caso das águas amargas (2Reis 2, 19-22).

O aconselhamento também se dirige à preocupação com o futuro. Esse é o caso quando os reis de Judá e Israel procuraram o profeta Micaías (2Crônicas 18). Nesta passagem, o conselho do profeta destaca-se pela sinceridade e pelo uso de metáforas: “Vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor” (18,16). Sua orientação não observava apenas o rei, mas demonstra o cuidado pelo povo.

Também há momentos em que o aconselhamento conta com a criatividade. O profeta Isaias (8,1) elaborou uma espécie de banner; Ezequiel (4,1) fez uma maquete; Isaias (20,2-3) dramatizou a deportação andando nu por três anos em Israel; Oséias (1-3) e Gomer, dramatizaram a relação de Deus com seu povo. Neste caso, a narrativa ressaltava a relação de amor e perdão que supera as dificuldades da relação conjugal, possibilitando uma renovação de votos. Essa renovação de votos era um modelo para o relacionamento com Deus.

A atuação das mulheres no aconselhamento também é destacada. No caso de Naamã, vimos a orientação de uma menina; e diante do pedido do rei Josias, a profetiza Hulda é quem aconselha (2 Crônicas 34:22-28); ainda pode-se pensar no caso de Débora que atuou como juíza; de Noemi que aconselhou a nora Rute; e da esposa de Jó, cujo conselho enfrentou o contexto e a teologia da época.

Ao lado destas passagens podemos considerar as listas de conselhos nos livros de Provérbios e Eclesiastes, reconhecidos como textos de Sabedoria. Nestes livros há diversos conselhos, principalmente orientações familiares e profissionais, tradições orais que aos poucos foram coletadas e preservadas nestes livros.

Fundamentos bíblicos no Novo Testamento

A tradição de conselho e sabedoria foi continuada pelas comunidades do Novo Testamento (Gass, 2010a, p.26). As cartas paulinas iniciaram a tradição escrita de aconselhamento pastoral entre os cristãos. Paulo foi um cuidador que atuou nas comunidades apaziguando os ânimos dos diferentes grupos (Romanos 14,1-15,7). A sua função “pastoral” é destacada no envio de cartas e conselhos para as comunidades, que, diferente do judaísmo antigo, reúnem-se em pequenos grupos sob lideranças pastorais (p.ex. Atos 16:11-15; Filipenses 1,1; e cap.4).

Paulo enfrentou os primeiros conflitos nas comunidades cristãs, a xenofobia, intolerância religiosa e os fundamentalismos. Os textos de Gálatas (cap. 1-2) e Atos dos Apóstolos (cap. 15 e 21) demonstram as crises e dificuldades para a vivência nas comunidades entre Judeus e Gentios (Bornkamm, 1979, p.45). O aconselhamento paulino tratou de questões transculturais relacionadas à identidade e etnia. Na carta aos Romanos (cap. 9-11 e 14), por exemplo, lida com as relações entre Judeus e Gentios, e propõe uma superação dos conflitos “em Cristo” (Lima, 2023, p.159), superando essencialismos culturais (Romanos 14-15; 1Coríntios 9,20-22). Na compreensão de Paulo, o valor dado às ‘pessoas’ por Cristo supera qualquer exigência cultural, o que estabelece um espaço de fronteira, onde é possível ser judeu e cristão, pois não há diferenças (Gálatas 3,28).

No contexto de perseguição e intolerância, Paulo apresentou conselhos sobre a relevância do amor e do cuidado (Romanos 12,9-21; 1Coríntios 13); sobre unidade (1Coríntios 1:10-17); sobre situações de conflito nas comunidades (1 Coríntios 5:1-13 e 6:1-8), consolo em meio ao sofrimento (2 Coríntios 1:3-7); conselhos sobre o ministério da reconciliação (2 Coríntios 5:14-21); Sobre trabalho e relações familiares (Efésios 5:21-6:9); sobre unidade e serviço mútuo (Filipenses 2:1-11); conselhos ministeriais (Tito e Timóteo) e muito mais. O aconselhamento comunicado nas cartas paulinas é diretivo e, em muitos casos, responde a problemas específicos. Ele preserva o uso metafórico e tem o diferencial de observar e considerar a espiritualidade dos ouvintes,

Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque

ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendias, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem? (Bíblia ARA, 1Coríntios 3:1-3)

Assim, também prevê o desenvolvimento da espiritualidade a partir de Cristo como alvo, como paradigma de maturidade:

[...] para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus. (Bíblia ARA, Efésios 3, 16-19)

Essa oração possui sentido de aconselhamento direcionado para o fortalecimento pessoal e comunitário. Ela não se limita a aspectos de cuidado social, mas observa relações de interioridade e espiritualidade⁴. No texto acima, os termos “homem interior”; “habite Cristo nos corações”; “estando alicerçados no amor” para “compreender o amor de Cristo” e o “ser tomados pela plenitude de Deus”, são conceitos que se relacionam com uma dimensão de interioridade, flexibilidade, um “olhar para si mesmo”, não qualquer olhar, mas uma compreensão de si a partir do exemplo de Cristo. O texto evoca uma interioridade que se molda por uma compreensão espiritual à imagem de Cristo. Essa espiritualidade não é simples dualidade, mas um conceito que dialoga com o contexto helênico, pois, no pensamento estoico, já se demonstrava a percepção de que o espírito divino que perpassa todas as coisas, inclusive o ser, influenciando a vida com qualidades como alegria, coragem, obstinação e resistência às dificuldades, essa espiritualidade é identificada por Diógenes Laércio com a virtude (DL LXVI, 12).

No pensamento grego, de forma geral, o conceito de que os deuses eram modelos a serem seguidos é encontrado na filosofia clássica, assim como a noção de espiritualidade como manifestação do divino (Timeu, 29^a-b; República, Livro II, 377e; Ética a Nicômaco, Livro X, 1178b). Paulo está dialogando com seu contexto cultural. Assim, o amor de Cristo é um paradigma de espiritualidade e maturidade cristãs. A identificação com Cristo também é apresentada em outras passagens (Fp 1:9-11; 2:5-11; 1Co 11:1; Rm 15:3-7; Ef. 5:2; Cl 3:13; 1Ts 1:6).

Há uma mudança, no AT o aconselhamento era direcionado para o cuidado familiar e para a libertação do povo, a partir de Paulo, destaca-se o sentido de interioridade e espiritualidade, inclusive relendo as tradições do AT (Jeremias 31:31-

⁴ A observação da interioridade e espiritualidade surgem no texto como responsabilidade de cuidado pastoral. Há uma razão teleológica, um direcionamento a partir da episteme fundada nos testemunhos da comunidade sobre a atuação de Cristo, principalmente seu amor. Uma espécie de cristologia primitiva que entendia Jesus como modelo que se manifesta a partir da interioridade. Dessa forma, não era apenas cuidado, mas cuidado a partir de um modelo de espiritualidade (p. ex. Fp 2:5-11).

40; Ezequiel 36,26-27) com uma espiritualidade resultante da relação com Cristo (1Co 11:25; Rm 7:6; 2Co 3:6-18).

O Pneuma, mais presente na filosofia estoica que no judaísmo (Crisipo, fr. 157, 302; Aurélio, Livro IV, seções 21,36), foi identificado por Paulo como Espírito de Cristo (Romanos 8,9; Filipenses 1, 19) e reconhecido pela vivência da palavra de Jesus. Assim, o Espírito de Deus, que animou os profetas, continua ativo pela vida Jesus Cristo e, por meio de seus discípulos. Resulta daí que, uma pessoa cheia do Espírito é uma pessoa cheia de Cristo (Efésios 3, 16-19; 2Coríntios 3:18), fundamentando uma espiritualidade cristã prática no seguimento de Jesus.

É importante considerar que há diferenças relevantes na proposta de maturidade segundo *a estatura de Cristo*. Dessa perspectiva, há diferenças entre “Amar” e “Amar como Cristo”; entre “Sentir” e “Sentir como Cristo”; entre “Viver” e “Viver como Cristo”. Por isso, a necessidade de conhecer “a largura, o comprimento, a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento [...]” (Bíblia ARA, Efésios 3:18). Essa diferença evidencia a necessidade de se atentar para a episteme cristã na elaboração do cuidado pastoral.

Além da tradição paulina também destaco o papel dos evangelhos. Posteriores às cartas, eles dão seguimento à proposta de aconselhamento pastoral. Seu estilo de escrita diferencia-se tanto da tradição profética quanto da tradição paulina. Segundo G. Theissen (2009, p.227), os evangelhos surgiram como instancias normativas, possivelmente, em substituição à Torá.

Pela linguagem, pode-se deduzir que foram usados com valor normativo, assim, as passagens de aconselhamento clássico foram substituídas por tradições normativas e exemplos que podem ser usados com objetivo de aconselhamento.

Destas passagens destaco dois tipos: trechos com orientações e ensinamentos, e as passagens-modelo, que embora não apresentem uma orientação direta, demonstram modelos a serem seguidos.

No primeiro grupo de textos estão as orientações para os discípulos. Elas são mais diretas, muitas vezes críticas a situações e práticas culturais. Em Marcos 7, por exemplo, o aconselhamento ocorre pelo confronto, partindo do paradigma cristão apontado por Paulo sobre o seguimento de Cristo. A passagem contesta o excesso de ritualismo (v.3 e 4, específicos de Marcos), e ensina sobre a hipocrisia e sinceridade. Evidencia a hipocrisia daqueles(as) cuja vida não condiz com a fé professada (7, 6-9), questiona a teologia tradicional que legitimava a exclusão social (7, 15-23), e conclui com uma máxima de sabedoria: “todos os males vêm de dentro e contaminam o homem”. Dessa forma, ao estilo socrático, questiona a “religiosidade sem sentido”. Embora com estrutura diferente, a passagem concilia os modelos anteriores: é denunciativa, como os profetas; e propõe uma prática cristã, como na tradição paulina. Nos evangelhos há várias passagens nesse estilo.

Outro modelo de aconselhamento, provavelmente o de maior impacto e alcance, foi o uso de parábolas. Ele segue o estilo do AT, quanto ao uso de metáforas, mas é semelhante à “Filosofia da Ação” da escola socrática, (Oppy; Trakakis, 2014, p.68). Este modelo não se baseava em teorias e escrita, mas na prática e na vivência, buscando um ensino com significado real para as pessoas.

Dentre as várias parábolas usadas para o aconselhamento, destaco a parábola conhecida como “o Filho Pródigo” (Lucas 15, 11-32). Essa passagem pertence a um bloco com mais duas, “a ovelha perdida” e “a dracma perdida”. Assim, a partir do contexto e semântica, a passagem poderia muito bem ser chamada de “o filho perdido”. A narrativa apresenta um contexto social comum, onde um dos filhos decide sair de casa e “aproveitar a vida”. Pode-se destacar três núcleos: O primeiro diz respeito aos “amigos do dinheiro” (15,13-14), assim, quando os bens foram dissipados, o “filho perdido” se viu abandonado e passando necessidade decide voltar para a casa de seu pai. No segundo, retrata-se o arrependimento e o perdão. Quando o filho retornou, foi recebido de braços abertos pelo Pai (15,20). Há várias quebras de protocolo social: O filho que “cai em si”; que reconhece seu erro e retorna humildemente para a casa do pai; o pai que o recebe de braços abertos, sem nenhuma condenação moralista; são exemplos de atitudes reguladas por uma espiritualidade centrada no perdão e na alegria de recuperar o que se havia perdido. Por fim, no terceiro núcleo, retrata-se o conflito entre irmãos. A indiferença do filho “fiel”, sempre ao lado do pai, que não aceita o retorno do irmão. Aqui, novamente, a narrativa foi descrita para aconselhar a comunidade e evoca os conflitos de Esaú e Jacó (Gênesis 27-32). O pai intercede pelos filhos e pede ao filho “fiel” que comemore o retorno do irmão, assim, ensina o cuidado, o perdão e a inclusão. Como nas parábolas anteriores, trata da relação entre judeus e gentios, pregando o amor do Pai que recebe ambos os filhos (justo e injusto) de braços abertos.

Na parábola o aconselhamento ocorre indiretamente, como no caso de Natã. Neste tipo de aconselhamento a pessoa se deixa levar pela narrativa e, antes que perceba, se identifica com os personagens, toma suas dores, procura compreender seus sentimentos e emoções permitindo ser confrontada (Capps, 2003, p.31).

Além das parábolas, nos evangelhos também há aconselhamento pastoral por interação direta e pelo exemplo. Quando o texto descreve a ação pastoral de Jesus, também está orientando ao seguimento. Por exemplo, na narrativa sobre a Viúva da cidade de Naim (Lucas 7, 11-17). Nesta passagem, Jesus, dirigindo-se à cidade de Naim, vê um cortejo fúnebre e decide consolar a mãe que havia perdido seu único filho. Além do milagre, a passagem ensina sobre o cuidado e a compaixão, que independem de contexto. Não era alguém que Jesus conhecia, ou alguém que tinha pedido sua ajuda, não havia uma relação de fé ou esperança de um milagre. É uma narrativa onde se demonstra o cuidado de Deus como ação de graça, como amor incondicional que

deveria ser seguido pelos discípulos. Uma proposta de aconselhamento pela Filosofia da ação, que ensina pelo exemplo.

Claro que nem todas as práticas de Jesus são fundamentos para o aconselhamento pastoral. Enfim, você não vai sair virando mesas de cambistas (Mateus 21,12-13) e amaldiçoando árvores infrutíferas (Mateus 21, 17-22), embora seja possível identificar algumas lições. As narrativas sobre a ação de Jesus foram preservadas como modelos de cuidado, intercessão e compaixão e podem ser usadas para aconselhar o desenvolvimento espiritual.

Nos evangelhos há várias atitudes de diferentes personagens que foram preservadas para orientação quanto à maturidade cristã. A emblemática passagem da negação de Pedro (Mateus 26, 69-75), ou a passagem em que ele afunda ao tentar caminhar sobre as águas do mar da Galiléia (Mateus 14, 22-36) são passagens que apresentam conselhos sobre a vida. Sobre nossa postura diante das adversidades, e sobre a confiança em Deus. O mesmo ocorre quando Jesus, após a ressurreição, chama Pedro e orienta que pastoreie seu rebanho (João, cap.21). Mesmo as dificuldades e fraquezas assumem sentido de orientação e conselho para o desenvolvimento da maturidade cristã.

Mesmo nas atitudes de outros personagens, como a Mulher que chorou aos pés de Jesus (Lucas 7, 36-50), a Mulher Samaritana (João cap. 4), os confrontos com os Fariseus (Mateus cap. 23), os Amigos que desceram o paralítico pela entrada no teto (Marcos 2,1-12); até em seres sobrenaturais, como na tentação de Jesus (Mateus, cap. 4), em todas essas passagens, há a função de conselho. Seja para superar as dificuldades, para orientar sobre o caminho do segmento, para fundamentação da fé e da esperança, ou mesmo para nos alertar sobre as tentações e adversidades. Esse tipo de leitura pode fortalecer a prática do cuidado.

Diante do levantamento no texto bíblico, destaca-se a relevância de se recuperar uma leitura direcionada pela prática e pelo cuidado. Elaborar metodologias voltadas para a leitura da Bíblia, com fins pastorais, que além de olhar para o passado e para o contexto histórico-crítico, também dialoguem com o sentido hipotético e funcional das escrituras, destacando seu uso prático-pastoral, negligenciado por metodologias com fins científicos.

Considerações Finais

A análise epistêmica realizada evidencia que o aconselhamento pastoral possui fundamentação teórica capaz de sustentar sua autonomia como campo de saber. A investigação revelou que esta prática atende aos critérios de validação propostos por diferentes correntes filosóficas. Na perspectiva fenomenológica de Husserl (2006) e Merleau-Ponty (1999), o aconselhamento pastoral representa uma experiência humana significativa que merece ser estudada em sua especificidade. Do ponto de vista lógico-

empírico aristotélico, possui elementos que podem ser elaborados como proposições verificáveis na prática do cuidado. Na abordagem hipotético-dedutiva de Popper (1982), configura um campo em que conjecturas podem ser formuladas e falsificadas mediante a práxis pastoral.

O aconselhamento pastoral possui objeto de estudo claramente delimitado: as relações pessoais e interpessoais, comunitárias e familiares, observadas sob a ótica da tradição judaico-cristã. Este objeto distingue-se em geral do foco da psicologia clínica, que se concentra nos processos mentais e comportamentais independentemente de uma tradição religiosa específica.

A pesquisa documental nos textos bíblicos permitiu identificar metodologias próprias do aconselhamento pastoral que constituem uma tradição distintiva de cuidado com características que o diferenciam das abordagens psicológicas contemporâneas:

Dimensão comunitária - Enquanto as ciências psicológicas tendem a privilegiar o indivíduo, o aconselhamento pastoral considera a pessoa em suas relações comunitárias;

Fundamentação axiológica explícita - O aconselhamento pastoral não pretende neutralidade valorativa, mas assume explicitamente valores da tradição judaico-cristã como perdão, reconciliação e compaixão;

Integração da espiritualidade - O aconselhamento pastoral considera a dimensão espiritual como constitutiva do ser humano; o que nem sempre ocorre nas teorias psicológicas.

Perspectiva teleológica - O aconselhamento pastoral trabalha com uma compreensão da vida humana orientada para propósitos que transcendem a existência imediata.

Observou-se o cuidado na diferenciação entre o que é distintivo da tradição de aconselhamento pastoral e nas ciências psicológicas. Não se trata de uma atitude essencialista, fundamentalista ou negacionista das ciências, mas vigilante em relação à sua episteme e aberta ao diálogo crítico com outros saberes.

Identificamos, contudo, obstáculos significativos para a consolidação desta área como campo autônomo. Por um lado, as configurações atuais que resultaram na escassez de produção acadêmica. E, por outro, observa-se uma polarização entre abordagens fundamentalistas e propostas integracionistas, resultando no risco de o aconselhamento pastoral oscilar entre uma postura de rejeição às ciências psicológicas e uma incorporação acrítica delas, ambas comprometendo sua autonomia epistêmica.

Em contraposição a estas tendências, os resultados sugerem a necessidade de uma postura dialética, que reconheça tanto a especificidade da tradição bíblica quanto as contribuições das ciências contemporâneas, evitando tanto o isolacionismo dogmático quanto a diluição identitária. Reconhecendo a possibilidade de integração, sem comprometer o que é fundamental para a tradição de aconselhamento pastoral.

Dessa forma espera-se valorizar a identidade, o local de observação do pesquisador, a singularidade do objeto de pesquisa e a prática relacionada aos saberes resultantes da tradição de aconselhamento e cuidado pastoral.

Segundo a pesquisa, recomenda-se ainda: (1) o desenvolvimento de programas de pesquisa dedicados à sistematização dos saberes pastorais; (2) a criação de periódicos especializados que fomentem o diálogo e a acumulação de conhecimentos; (3) a elaboração de metodologias de leitura bíblica voltadas especificamente para o cuidado pastoral; e (4) a formação de redes de pesquisadores e praticantes que possam validar e desenvolver os saberes desta área.

Concluimos que o aconselhamento pastoral, fundamentado na tradição bíblica e aberto ao diálogo crítico com outras áreas do conhecimento, possui potencial para estabelecer-se como campo disciplinar autônomo, oferecendo contribuição singular ao cuidado integral do ser humano na contemporaneidade. A recuperação de sua rica tradição de cuidado, com ênfase na comunidade, na narrativa, nos valores relacionais e na integração da espiritualidade, representa contraponto significativo às tendências individualizantes e tecnicistas predominantes na atualidade. A relação entre aconselhamento e prática vivencial/exemplo, em detrimento às orientações teóricas, muitas vezes, desconectadas da realidade, ressalta a importância de se pensar o aconselhamento pastoral não apenas como um conjunto de técnicas e teorias, mas como uma forma de ser e estar com o outro, uma espiritualidade encarnada no cotidiano, direcionada pela dinâmica das relações.

Referências

- ABEL, Marcos Chedid. O Insight na Psicanálise. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v.23, n. 4, p. 22-31, dez. 2003.
- ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. São José dos Campos: Fiel, 1999.
- ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. Campinas: Papyrus, 1988.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1178b. Brasília: Ed.UnB, 1985.
- ARISTÓTELES. *Órganon. Analíticos posteriores*. Lisboa: Guimarães Editora, 1987.
- ARNIM, H. von (Ed.). *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Leipzig: Teubner. Fragmentos 157 e 302 atribuídos a Crisipo, 1903.
- ASSIS, Maria Bernadete Ameldola Contard de. A transferência na clínica psicanalítica: Abordagem Kleiniana. In: *Revista Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 29-36, ago. 1994.
- BARTOSZECK, Flavio Kulevicz; BARTOSZECK, Amauri Betini. Contribuições da neurociência para a filosofia da mente: um diálogo possível. In: *Revista Intersaberes*, Curitiba, ano 2, n. 3, p. 58 - 70, jan/jun. 2007.

- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BORNKAMM, Gunther. *Pablo de Tarso*. Salamanca: Sígueme. 1979.
- CAPPS, Donald. *Biblical approaches to pastoral counseling*. Oregon: Wipf and Stock Publishers. 2003.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- COLLINS, Gary. *Ajudando os outros pelo aconselhamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- CRABB, Larry. J. *Aconselhamento bíblico efetivo*. Brasília, DF: E. Refúgio, 1985.
- LAÉRCIO Diógenes (DL). *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Livro VII – Estoicos. Edição Bilingue – Português-Grego. São Paulo: Ed. Montecristo, 2020.
- DESCARTES, René. *As paixões da alma*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUBE, Musa W. *Postcolonial feminist interpretation of the Bible*. Missouri: Chalice Press, 2000.
- FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914–1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14).
- GASS, Ildo Bohn. *Uma introdução à Bíblia, vol. 5: exílio babilônico e dominação Persa*. São Leopoldo, São Paulo: Cebi, Paulus. 2010.
- GASS, Ildo Bohn. *Uma introdução à Bíblia: as comunidades cristãs da primeira geração, vol. 7*. São Leopoldo, São Paulo: Cebi, Paulus. 2010a.
- HOCH, Lothar Carlos. *Aconselhamento pastoral e libertação*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 29, n. 9, 1989.
- HURDING, Roger F. *A árvore da cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 16: de um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LIMA, Eduardo Sales. “Fiz-me de tudo para com todos”: A mentalidade de fronteira na teologia de Paulo. *Ribla*, Vitória, v. 91, n. 3, p. 149-162, nov. 2023. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/91.pdf>. Acesso: 10 jan. 2024.

LIMA, Eduardo Sales. *Do Evangelho à identidade: a dialética de Lutero e os desafios do luteranismo brasileiro*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 64, n. 3, 2025. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/3349>. Acesso em: 14 mar. 2025.

LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: os primórdios escritos de 1517 a 1519*, vol. 1, São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989.

MALDONADO, Jorge E. *Crises e perdas na família: consolando os que sofrem*. São Paulo: Ultimato, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. São Paulo: Editora Ágora, 2014.

OPPY, Graham; TRAKAKIS, N. N. (Orgs). *Ancient Philosophy of Religion*. London: Routledge. 2014. (The history of western philosophy of Religion, v. 1).

POLANYI, Michael. *Ciência, fé e sociedade*. Lisboa: Inovatec, 2014.

PLATÃO. A República. Livro II 377e. In: *PLATÃO. Diálogos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

POPPER, Karl. *Conjecturas e refutações*. Brasília: Ed.UnB, 1982.

RAMOS, Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1996.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-terapia: refazendo o caminho*. São Paulo: Summus, 1985.

RIBEIRO, Renato. *J. Manual de clínica filosófica*. São Paulo: Vozes, 2016.

ROESE, Anete. *Bibliodrama: a arte de interpretar textos sagrados*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

ROGERS, R. Carl. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins fontes, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. São Paulo: ASTE, 2004.

SCHEEFFER, R. *Aconselhamento psicológico*. São Paulo: Atlas, 1991.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *As transformações do aconselhamento pastoral até hoje*. In: Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 56 n. 2, 2016.

SILVA, T. Tomáz. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: ASTE, 2004.

VAUX, R. *Instituições de Israel*. São Paulo: Teológica, 2003.

VASSÃO, E. *No leito da enfermidade*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

VITALE, Maria. A. Faller. *Observação de comportamento: procedimentos e instrumentos*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2005.